

[POESIA]

VIAGENS FANTÁSTICAS, PESADELOS CRUÉIS

Dédallo de Paula Neves

[] [] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 


PUBLICAR, EDITAR

**Viagens fantásticas
pesadelos cruéis**

Dédallo de Paula Neves



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Manuela Sanchez

Revisão

Eliane Arruda

Preparação dos arquivos e capa

Carlos Alexandre Venancio

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

N518v Neves, Dédalo de Paula.
Viagens fantásticas pesadelos cruéis / Dédalo de Paula Neves. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
94 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-088-0 (impresso)

ISBN 978-65-5422-103-0 (e-book)

1. Inquietações. 2. Realidade. 3. Crítica. 4. Subjetividade. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 869.91
CDU 82-1(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: poesia, prosa.
2. Literatura: poesia (Brasil).

NEVES, Dédalo de Paula. **Viagens fantásticas pesadelos cruéis**. 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

VIAGENS FANTÁSTICAS PESADELOS CRUÉIS

Dédallo de Paula Neves

SUMÁRIO

I. MAIS MEDOS QUE PERIGOS.....	7
II. O ARTISTA VENCEU A ARTE	31
III. POEMAS DE AMOR REFERENCIADO	47
IV. “A POESIA EXISTE NOS FATOS”	57
V. A CONCRETUDE DO SER ESTÁ NA ARTE	77

I. MAIS MEDOS QUE PERIGOS

“Esses lampejos ainda eram apenas um pressentimento daquele segundo definitivo (nunca mais que um segundo) após o qual começava o próprio ataque [...] todos esses raios e relâmpagos da suprema autossensação e autoconsciência e, portanto, da ‘suprema existência’ não passam de uma doença”.

O Idiota.

100

sou uma patologia
uma doença nervosa
com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas
sou o distúrbio da consciência

consigo ver as cores do óleo fritando
e o prisma na água mansa
volto ao tempo, e paraliso nele
perco em três minutos

antes dou uma sova suasória e ardente
a água acalma a náusea no estômago que
fervilha por não aguentar minha pressão
não adianta, sou travosa

sou uma interpretação
a invasão no corpo
um touro-mecânico
um touro espanhol

saltito, ricocheteio e galgo meu espaço
tremeleio, tremelico. Sou tremeluzente
sacudo as arestas da alma
dou uma trepada animal

são três minutos
sou ligeira
saio, deixo rastros
e lego a incerteza da minha volta

91

A eterna convulsão do adeus que dei
A negação do ser que sou nesse mundo com todos que são
Como eu.

Agora já é impossível de imaginar o futuro
Porque falta química no cérebro que fez o favor de derreter em
mim a fantasia
A pantomima.

As máscaras exclamam expressivas histórias
Escritas pelos verdes das montanhas, das janelas, das vistas
A epilepsia.

Crise ganha em mim outra coisa. Refém do medo do externo,
a casa é o abrigo Minha histeria corporal, cascata pela boca. A
submissão da palavra
A imaginação.

Rodopio no eixo e carrego as forças centrífuga e centrípeta.
Caio. Não falo
Sou imobilizado pela ignorância do policial. Faz o bem, mas me
faz mal
A culpa.

Depois de não poder imitar os outros da maneira que deveria
De não poder imaginar a fantasia
Sou o responsável por tudo, e tremo.

O ginásio, o telefone

Vim correndo por um corredor que
imagino longo. Hoje não sei o
quanto a minha criança me trai
Toquei no telefone. Era o
desespero

— chama minha mãe ou meu pai

Olhei os degraus e busquei apoio

— Sempre me sinto impotente e sozinho

Eles eram largos e davam para
o ginásio. Depois disso não me
lembro de mais nada. Eu era um
corpo convulsivo

Indefeso, culpado e dolorido

Salvou a língua

Quando entrou no espetáculo esperou de pronto ser aplaudido antes do show Tão breve encarou seu personagem como um outro Perdeu-se de si Transbordou pela boca Mas antes um momento especial A perna direita balança Em seguida, a mão Seus olhos já estão capturando ar Martela sua cabeça nas mais inóspitas superfícies Não teme perder os dentes nem a língua Engoli-la é impossível Mesmo assim o diretor obriga alguém a salvá-la Na contracena, olhares assustados duvidam da sua certeza de se esfregar nas pedras do palco Atores e atrizes desgraçam-se dos personagens Temem sua interpretação A moça se agacha e tenta apartar a língua a saliva o sangue Dá tudo de si nessa atuação nervosa.

— Corta!

Não para. Já não é mais possível quando vê uma plateia escurecida. Tenta falar com ele Tenta dizer

oito,

oito,

oito,

oito

88-88!

Não!

oito,

oito,

oito,

oito

Pedem pressa
Qual é o número?
Ele
a cortina
o espetáculo
caem
Salvou a língua
mas não a cara

-

Cansado de esfregar o ventre no barro
Buscou com gritos onomatopaicos
Canções modernas e tradicionais
A própria mitologia catártica
As rupturas de cada ato
O mito de si mesmo
O próximo início

Porque quando

A vida não está no texto
Porque quando
Tenho medo de tomar banho
Tenho medo de ir à rua
Tenho medo de um negocinho
Não é no texto que o medo está

Porque quando
Escrevo sobre
Meus medos
Não tenho medo deles
Esta não é minha vida

A minha vida não está no texto
Porque quando
Leio em Dostoievski
"Nunca mais que um segundo
Definitivo"
É em minha cabeça que sinto
Sinapses bêbadas

O texto poderia estar na vida
Porque quando
Cantamos juntos em alegria
Damos texto ao nosso diálogo

Mas quando esqueço o próximo verso
Porque estou a prestes de...
Aí é falta de texto na vida
Por isso, não falo

Meu medo de tomar banho
Quando estou sozinho em casa
É difícil de pôr em texto
Os sons que ouço
As tonturas
O ritmo

É só um segundo
O ataque avisa
Mas é só um segundo
O ataque mostra
Só um segundo
O ataque chega
Um segundo
Caí

A velocidade explica
Porque quando
O descompasso dá presença
Pego meu celular
E ando com ele às vistas J
á desbloqueado
Porque em um segundo
Definitivo e ligeiro
Eu caio

Porque salvei contatos
De emergência
Porque disse em apps de saúde

Sobre minhas doenças
Porque é fácil ligar para...
Quando aperto um número
E gaguejo entre babas
Socorros

A minha vida não está no texto
Porque no texto
Não está minha falta de dente
A vergonha infantil
O dinheiro que perdi

Porque quando
Tremi e fiquei banguela
Alguém me assaltou
Levou o celular
Não deu tempo

É só um segundo
O ataque avisa
Mas é só um segundo
O ataque mostra
Só um segundo
O ataque chega
Um segundo
Caí

Estirado no chão
Aquele corpo trêmulo
Convulsivo

Convulsivo
Não tem como descrever

A cabeça no chão
O sangue pelos cotovelos
A palma da mão
A rasgar sem piedade
As pedras

Mesmo assim
Alguém me assaltou
Levou minha carteira
Eu era ali um indigente
Convulsivo

Quando dei por mim
Vi meu pai e minha mãe
Sempre quando me percebo
Estão lá

Era tudo branco em volta
Embaçado
Eu tinha a vista prejudicada
O bandido me chutou a cara
As mãos perderam
a sensibilidade

Eu era
Bo icho
o Excomungado
Aquele-lá-debaixo
A senhorinha viu e não fez nada J
ulgo? Não julgo

Em texto destas coisas não falo
Porque muitas passei

Lembro até hoje das buzinas dos carros da faixa de pedestre minha cara no asfalto rodas a milímetros de distância e alguém tentando me puxar desesperadamente era eu uma quase consciência de mim tentava dizer para deixar porque eu tinha querido aquilo porque um dia antes bebi um litro de café entre duas e três da manhã e os carros passavam e me sentia um fardo social porque o Samu chegaria e faria o quê com o lambedor de asfalto?

A memória recente acaba

E se tiver sido um dia
De leitura intensa
Uma pena
Perdi o texto

Porque quando

Depois de tudo,
O choro.

Nunca fui um homem inteiro

Disseram-me moderado
Apontaram como falha
Porque não sabem a constante
Luta contra o
Outro que eu mesmo
Sou

Disseram-me hiperbólico
Apontaram como falha
Porque não sabem a constante
Luta contra o eu que o
Outro mesmo
É

Porque entre zero e um há infinitos números
Como chances há
de haver um segundo de impoder
Moderado e hiperbólico

E então, a compreensão

O fracasso inicial foi empapado
Entre trevas e luzes
Deuses e diabos
No átimo entre zero e um

Sonhei ser homem do começo ao fim
Mas fui um que passou a vida

Entre o moderado e o hiperbólico
Com quase-segundos de impoder
A contar os infinitos números possíveis
De zero a um

O negocinho do meu biso

foi de nascença o problema de um lado e de outro minha mãe
e meu pai
o distante primo tinha mas o começo é no biso

por pouca investigação
não se sabe se foi de nascença no biso pouca atenção se dava
aos seus negocinhos quando todo dia o martelinho aturdiu
no biso o negocinho tinha cheiro

quando fui criança
minha avó me aterrorizava com histórias sobre terremotos
caseiros e espirituais
o biso depois do negocinho ficava como durante
e a casa e seus habitantes como depois
da tempestade

com medo que acontecesse comigo
o que perturbou o biso, meu avô e meu pai ela passou a
fabulizar:
"são todos animais de outra floresta que não se sabe como
chegaram aqui e vandalizaram seu pai, seu avô, o biso
que vandalizam a todos"

"o negocinho que eu tenho é como o biso tem?"

eu perguntava buscando identificação
o negocinho do biso, no entanto, não era um e ali se deu o
início
o regalo pelo líquido

sempre assistia o biso a beber e a babar e pensava se comigo
era assim
ele devia babar tanto por causa da bebida minha avó
apavorada dizia que sim

essa era sua marca
o negocinho do Farias
no bar sua mão trêmula expunha e a tarde toda martelava
ao final do expediente não era só a mão era o negocinho do
Farias

com meu avô aconteceu igual morreu na sarjeta
sozinho porque fez por onde meu pai trilha os passos martela
como o biso
sempre na prata
e eu já encontrei o ouro

minha avó agradece a solidão assistiu o cintilar de todos
e todos caíram nisso já sou versado
meu negocinho é de nascença e martelo como meu pai como
seu pai
como seu pai

Que gente era aquela?

Quem foi aquela criança
com os dentes para frente
e com o desespero do sangue
a escorrer entre o corpo
e não entender-se
entre o vermelho
e precisar de dentista
no fim de semana
e de um cirurgião?

Quem foi aquela mãe
a aparar gritos
e gritar por Deus
ao ver os dentes no caminho
e um rastro assassino
entre os cômodos
e suportar intranquila
seu filho a olhar para
ela e olhar para o espelho
e se desesperar
e não entender o que acontecia?

Quem foi aquele pai
a ligar o carro
e fazer telefonemas
perguntar para a avó
se a irmã podia ficar
pois havia emergência
e quase desmaiar ao ver

a cena da mãe a liquidar
pacotes de algodão
para sanar hemorragia?

Quem foi aquela gente medíocre
que teve coragem
de tecer comentários
sobre aquela cena
que não viu
num final de semana
que provavelmente não teve
que grudar dentes na boca
retirados pela força da doença
que atormentava o espírito
sem mesmo a criança saber?

Asfixia

na praia eu cavo buracos tão fundos
para garantir o guarda-sol
para prevenir o vento
eu saio da água para buscar outro guarda-sol
porque me preocupo ao vê-lo rebelde
nas mãos de uma senhora atrapalhada
e sua irmã e sua sobrinha
embasbacadas não sabem como domá-lo
todos estão de férias
eu também
todavia saio da água
para cavar outro buraco
enquanto o marido da senhora se diverte vendo a cena
eu deveria me divertir ainda mais

saio da água apressado
subindo os degraus das ondas
em direção à areia
logo em terra
corro e cavo
e cavo muito
a medida exata é de um braço
e assim as senhoras e seu marido poderão ficar em paz
com qualquer vento de mar

na praia eu cavo buracos de um braço
porque eu tive uma crise sete meses atrás
e não posso passar por outra nas férias

tensiono o ser para
garantir o guarda-sol
e não ter que sair desesperado da água
lembrando meu tio a dizer
"o peixe morreu pela boca"

O ocaso do corpo

quantas pessoas já envergonhei
ao me levarem junto
não contar que trazia
o Sujo
e acaso ele chegasse uma imundície seria
o estrago que faria
o trago que daria
a alma sugaria

quantas pessoas já envergonhei
ao me levarem junto
não contar que trazia
o Cão
e acaso ele chegasse ele latiria
pela boca liquidaria
pelo corpo avançaria
nas crianças e na tia

quantas pessoas já envergonhei
ao me levarem junto
não contar que trazia
o Cujo
e acaso ele chegasse você cismaria
com quem andaria
e suporia
se ali gente haveria

quantas pessoas já envergonhei
ao me levarem junto
não contar que trazia
Eu-mesmo
e acaso ele chegasse

o ocaso do corpo
a imprevisibilidade
era só epilepsia.

II. O ARTISTA VENCEU A ARTE

Ciclo problemático do agradável

parei de escrever poemas para estetas
quando os descobri politicamente frágeis
sustentados por edifícios de outras construções
porque eles próprios incapazes de erguer prédios
com a natureza social da força
são oriundos de um filme de Fellini
destroem em vez de criar
eles destroem tudo
– acham –
a sociedade em sua organicidade
o despontar de outros que não compartilham
o prazer estético dos gregos, de Hegel, de Lukács.

Os estetas são sujeitinhos.

falam francês e se orgulham
dominam todos os idiomas da colonização e se orgulham

parei de escrever poemas para eles no primeiro poema
em 1800, 1900 antes e depois de Cristo os estetas
buscaram definir os meus poemas e desprezará-los
estetas são um grupo de cinco ou seis
a escrever o que denominaram alta cultura
dizem-se gênios ao intercalar esta com o que chamaram de
baixa cultura
por ser muito hostil,
e eles são todos gentis,
mudaram para cultura popular e erudita

todos eles quando surgiram
em todas as suas épocas
foram ultrapassados
pelo tempo presente.
Por nós. Por a gente da baixa cultura
que não domina nem o próprio idioma
segundo o esteta que sabe falar e escrever bem o português
aquele que ninguém fala
assim como ele
que fala para ninguém

137

Depois de "Ludzi na moście", de Wislawa Szymborska

eis aqui um prólogo para vocês sem qualquer intenção
 Papel-ano-zero das luzes
 Ninguém estava decidido sobre as cifras
 Papel dos czares degolas e vacinas
 Papel-opulento
 Papel-nenhum pitada, já julgo o erro
 Papel da força a ser usada na formação intelectual
 dessa nova raça.

Iluminismo dos insetos

Dizem-na planeta, dizem do nada fez-se luz
 Ultrajada czarista, vai nada-chega, parte
 Maia soberana, zebra do Sudão esperto sugar
 Vermelha obreirista jaz do moscaréu 10:

Nenhum sociólogo de enxame traçou rota
 Tentou, perdeu
 Tentou 'n' vezes decifrar comportamentos
 Tentou capturar espécies pinceladas pela praça
 Tentou outras maiores modas, tentou esclarecer os insetos
 Iluminismo formou-se como presa piegas da sabedoria
 bobo aqueles que temperaram com curry
 quando desceu da ostra a espécie.

Cala mil vezes, nenhum discurso seja dito
Nenhum barulho na vidraça causará incômodo
Desce qualquer desejo e esmaga qualquer ultraje
Conjunto cosmopolita a planar
Iluminismo dos insetos bigorna-
-secular zum-zum, com prezados amigos

Contra tudo você foi contra, comentaram:
Nenhum gesto obrou orgulho em ninguém
Companheirismo entre moscas em teu reino
Formamos aprendizes sem adversários para o jogo
Pobrezitas vão voar ferozes no empadão
Zelaram ida, breve acordar

O mundo dá relance

Para superar a pantometria da vida
Em lugares que não estes
Sempre não aqui
Uma realização

Ausência

Sonho
Fome
O desejo

Presença

Polissemia: vida
Polifonia: vida
Horas e lugares
Medidas em ovos
Medidos em tíquetes

De dia parece ser outro lugar porque acreditamos estar noutro
minuto

Resignação e revolta num só corpo
Pode ser carnaval
O explode coração é dúbio
Confetes e infartos
No meio do bloco explode o confete
Entope a veia
O álcool geme no bêbado
O AVC derrete o cérebro

A revolução para se levar a sério não pode ser nomeada
Deve ser uma convocatória
Listada em coletiva de imprensa

E hoje
Um ato pela liberdade dos corpos
Caberia melhor no século XXI

Não devemos ser concretos em arte
Vivemos o idealismo

Cafona e passadista
Romântico e atrasado

Isso –
isto é, a poesia anterior –
Faz crer criar imagens desconexas
Para confabularmos explicações nossas
“O flanelinha de luxo”
E o inverso:
“O prático dos pobres”
É permissivo na arte

Ou não?

Caberá discussões do século XX?

Os desenhos animados e os filmes de Hollywood são responsáveis pelo que se chamou

[pelo outro de fim da story?

Hoje em dia como levar a sério “Asa Branca” numa gaita de fole?

São questões que a ausência dos CPCs legaram

Gargalho em fragmentos

“A arte deve ser concreta”

Como todos nós

Ou podemos criar analogias dicionarescas

Cujas não chegarão de Uber

Quem são as ditas cujas?

Não as há lá

Amém!

-

Quero morrer antes de declarar
Meu apoio a algum socialdemocrata
E pôr em xeque este presente glorioso

Todo artista quando não entra
No alegórico irracionalismo e é
Visto como louco cede às tentações
E facilidades da conciliação

Faz a arte no singular
Ela não existe
A arte pela arte foi uma invenção
Que nasceu com velhos
Para servir à morte

-

Sou a invenção do mágico
O sortilégio do meu povo
O desprezo pelo real
O próprio real
A reivindicação social
As musas
Filho de Zeus e Leto
Chego em arco e flecha
Aponto contra Kratos
Filho precoce
Sou seu desespero
A demolição da hierarquia

O homem sem qualidades

um covarde criou um interlocutor
baseado em seus ancestrais porque não
suportou a solidão

percebendo-se mentiroso para si
decidiu arrecadar fortuna e criar
diálogos comprados

adquirido talões de cheque e créditos
ilimitados abriu uma empresa para
empregar atores

antes disso, achou prudente mudar-se
para uma cidade pequena e fazer fama
como sórdido

descobrindo-se sozinho repetiu mil vezes
uma história até ela se tornar verdade e
populares repetirem

hoje, ele pensa que pensam que ele é poeta
mas a verdade é que conversa em solidão

-

Se eu mostrasse aquilo que não tenho
Dissesse pouco e o que não penso
Abandonasse as letras em favor do eu
Abandonasse às letras a sua própria sorte
Cultivasse diariamente os topos das montanhas
Conversasse com os montanhistas
Em frases minimalistas

O design de interiores venceu o engenheiro
O artista venceu a arte
A sublimação é do sujeito
Perdemos para o pessoal do RH

-

Depois de posar para um artista francês
Recebeu as ordens: levante-se, arrume-se, saia
Já eram horas de voltar à realidade porque sim
Não era mais possível mantê-lo como modelo

Os dias são urgentes quando temos louças na pia
O mercado aguardava o artista

Ele deixou sua casa num dia de chuva
Fora acolhido num dia de sol
A vida não faz distinção entre um e outro
Quando se tem pó no criado-mudo
E mosquitos no limo do box

O artista pegou uma escova velha
Para retocar seu quadro
Não pôde, no entanto
Esfregou-a nas arestas do azulejo
Por uma convicção estética

-

As panelas lá fora me perturbam
A música da cozinheira cheira a queimado
Bato os lábios sem perceber
A voz vem do fundo do corpo
Grave
Aumentam os decibéis
Cozinha
Panelas voam pelas vidraças
Conchas sem feijão dissonantes
Por que tanto barulho?
Leio em voz alta
Leio alto
Motoqueiros querem me vencer
O presidente quer me matar
Batem a panela para lá e para cá
Grito as frases do livro
É um verso que escrevi
Roubaram a minha frase
Um bando de incendiários
Os prédios cozinham barulho
Estou de pé a berrar
Todos aparecem
Não vejo ninguém
São vozes num caldo
Alcançou pé
Só quando chegar ao chão a panela silenciará todas as vozes
da minha cabeça
Invejei o sucesso dos meus

livros de outros autores
O belo me foi insuportável

III. POEMAS DE AMOR REFERENCIADO

-

quando a umidade relativa do ar
atingir a marca de 100% em nosso apartamento
antes de a janela escorrer em líquido,
bilhetinhos aparecerão
anunciando recados antigos
de espelhos
de dedos grossos
a perfilar mensagens nominadas
com muitos amores e corações assimétricos

a água apagará os despropósitos
não ditos pela fala
mas pela escrita, sim
porque o texto diz até o que não quer

assim que o sol chegar
e a umidade relativa do ar cair para 70% lá fora
a janela estará seca
os recados desaparecidos
e o texto aguardando a próxima vaporização da panela de
pressão
e eu aguardando você
a me dizer palavras
recados de amor
com dedos pesados

-

Num rompante a vi
Lasciva e sabida
Não comigo
Não nós dois
Na liberdade de ser
outra criatura
não a do criador
Libidinosa e sozinha
Sem o nós
O plural de dois eus
A unidade de Deus
A santíssima trindade
Num rompante se viu
Degenerada e decidida

Se o amor valesse ouro, teríamos que negociá-lo. Por isso nunca fomos comerciantes em matéria de amor. Apesar de continuarmos artificialmente idiotas por problemas no prefixo das nossas posições perante ele. Estamos apontados, geograficamente, quase numa oposição. Exigindo do médico encontrar o equilíbrio na balança do descompasso. E do quitandeiro encontrar cem gramas exatos. E do jardineiro as gramas perfeitas. A questão é o mundo. Transformou o amor – aquilo que era calma – no desespero da bolsa, na desordem da feira. Quem tem pra vender? Quero comprar!

Se o amor valesse ouro, penhorava com você, minha joia

o amor camarada não existe

planto bandeiras nacionalistas
no interior do país discursando
sobre o devir antitético do dever amar

cada lugar do sertão ouvirá
sobre o amor a partir das histórias
de Morris
notícias de lugar nenhum
é o horizonte do mar e do céu

lá está a praia e uma comunista que me espera de véu
porque todo amor é romântico,
é uma liturgia para se saber amado

-

A sua língua
preenchia a
minha boca
nos debates
antigos
em que ambos
éramos derrotados
ainda que
gritássemos
verdades
inegociáveis

-

Me pega pelas mãos
Valsa comigo
Estende a roupa preta
No meu corpo e me despe

Preenche o que chamo de vida
Me dá página em branco
Lápis com ponta afiada
Uma linha infinitesimal chamada história

E borda nos meus anos
Margaridas de amor

-

Abraço de sofá

Fast-food pra imunidade

Hélice na garganta

Suco de tomate na banheira

Enterraram na vala comum dos amores perdidos

-

o silêncio da primeira hora
é o consentimento de viver
a mesma vida

o espalhafato da segunda
cratera-se a quietude clássica
do vazio

o resto dos dias são
possibilidades dramáticas
ao entendimento

paga-se pelo que se faz
para não haver débitos
com o mundo

briga-se para ocupar-se tanto
e o trabalho tornar-se
uma epifania

por último, a terra é prometida
resguarda-se o incerto
da próxima mudança

IV. "A POESIA EXISTE NOS FATOS"

É só um poema

A mimese é sempre uma forma de poiese
Antônio Cândido

há dez anos trabalho num lugar em que o patrão finge
 como bom empregado me deixei enganar
 pelo baixo salário e agradecer até o descabido
 de noite cheguei a sonhar com picadas de faca
 europa-frança-bahia
 Pratos-Garfos-Talheres.

Espetadas

o patrão é um homem esperando pra ser ruim.
 como bom empregado dou a mão para agressão
 beijo a mão quando me dão
 da patroa e do patrão
 se a filhinha aparece me ajoelho finjo educação
 às vezes penso uma morte sanguinária acidentes acontecem

Postes

nas horas que se passam quando não deviam
 porque o patrão já me sugou o dia
 com sua facilidade em afastar os unha-e-carne
 fecho os olhos por um instante
 me arrependendo e me desculpando pelos doentes
 e desejo a pior doença

UTI

como meu patrão é velho
estou ansioso pelo dia de sua morte
vou ficar pelas boas
mas como sou empregado sempre haverá outro patrão
para repetir as maldades
será um patrão a menos no mundo, torço!

Mussolini pelos pés

106

o Brasil é o lugar a que se quer
chegar. É aonde não se deve ir
o usurpador MacBeth é dito
tirano dezessete vezes desde
quando tomou o poder. O que é tão
relevante quanto meu signo. Tão
importante quanto Deus. Meu país
escolheu MacBeth de duas formas
preferiu o usurpador do poder e
exigiu a mesma quantidade de
vezes. E vários ao meu lado caíram
*morreram como se a vida fosse
ensaio*. E outros cumpriram a tarefa
do falso

iniciado o paraíso prometido,
o inferno nos foi dado. E Lady MacDuff
teve que explicar ao seu filho sobre
traidores e enforcados. Vida e
verdade não são iguais no Brasil
um lugar que nos é estranho e
que só o sonâmbulo ainda ri

Além de nós

Além de nós, latino-americanos
Viagens fantásticas pesadelos cruéis
Lambemos nossa terra, cães a guardam
O popular é nosso próprio território

Tenho a dialética na pele
O Brasil não é meu continente
É a desagregação em células
É a segregação das pétalas

América Latina
Homérica latrina
Ibérica sentina

Invertamos tudo

Hemisférios

Viagens cruéis pesadelos fantásticos
Território próprio nosso é
Na ponta da bala a culatra
Na ponta da lança o sangue

Os incendiários virão

depois dos futuristas já não se sabe
o que é carnaval e o que é revolução
mesmo assim, todos se guardam
para o dia em que um ou outro chegar
pois certamente há de vir

por isso, pacientemente,
leem – sem pressa –
não importando os desesperos dos dias
um livro de cada vez
e anotam os títulos e os autores

mês a mês, como se o amanhã viesse nebuloso
seja de purpurina, seja de sangue
os incendiários virão alegres com seus dedos carbonizados

Cadê meu país?

Pisa no asfalto, no chão de barro, vê a casinha passar entre os fios de luz na mata. Vê os ipês, manacás, e volta sempre, como todos, à natureza que nos resta. Pensa o caipira, o marginal, o pivete e a gritaria no centro. Camelô buscando sustento. E gosta daqui. O sol não é motivo. O samba, sim! Saudades do Brasil. Uma história inteira a ser contestada e reescrita. A laje é boa mas desaba na primeira chuva.

Revolução angolana

Os feixes de luz no céu grande
da colônia iluminariam o tempo do luto,
que continua.

As agonias da incerteza
incendiariam as almas dos
que estão vivos, mas não muito.

As vozes em casas invadidas
gritariam por todas as coisas
que não dizem sozinhas.

Os Sísifos lá de cima sem dó nem piedade
acumulariam corpos lá embaixo
que pagam por outros.

Um menino domestica a borboleta
na toca do capeta porque assim ela é:
– a Revolução.

Brasil

Todo mundo procurar milagre
É necessariamente polêmico
Num Brasil para brasileiros
De Bititas e Bitucas
As viagens são imperiosas
As voltas, facultativas
Paranoias são verdadeiras

-

Fulano diz de Beltrano isso e aquilo
a decretar filosoficamente a vida
Fulano é impávido
Sabido
É só retórico Fulano é uma farsa
E todos estes e aqueles
exigem a solidariedade na resistência
Caminham por vezes na mesma linha
Mas sempre tem um preparado para
sair da defesa
e outro a
entrar no ataque
Ninguém tem escudo
Baionetas perfuram uns
aos outros sem o inimigo
precisar agir
Fragmentariamente brigam
todos clamam
a união
ao nosso
lado

-

A voz dionisíaca
da consciência
nacional
gritava
Os braços
erguidos
A cervical
esmagada
Os olhos
no nada

Lá

algum lugar que não tenha
taco solto
chuveiro elétrico
fresta na janela
vista para outro lugar com
lajota no piso

algum lugar que seja
bem longe daqui
pertinho dali
e todo dia
dia-de-domingo-de-manhã
até às quinze

algum lugar
qualquer lugar
pelo menos não este
ao menos outro
um diferente

um que me deixa voar e voltar
– com meu filho
meu amigo para o sol –
a este lugar
que não quero ficar

algum lugar com luzes indiretas
e conversas de cozinha
velas cheirosas
sem gelosia
e passarinhos a pousar
em mãos caridosas

dá este lugar no mar
com peixes
dá a rede
a areia
o sal
a pele
e o corpo de quem pesca

este lugar
lá naquele instante incapturável
no quase gozo do sonho
e o inverso
é o mesmo

algum lugar que toda arte
seja a verdadeira forma
do trabalho.

-

Não consigo ver um quadro de Paul Gauguin
Sem pensar na gangorra do parquinho
Do meu prédio
É fonética a memória

Pondera no meio
Um pé lá outro cá
Slackline no museu
É violenta a memória

Se cair na areia, perde
Crocódilos devorariam
Crianças latino-americanas
Na frente de castelos medievais
É colonizada a memória

Quinhentos anos em quinhentas páginas

Hoje contei sobre uma história escrita por mim
Um romance de quinhentas páginas
Como quinhentos são os anos que existimos
Me disseram sobre um prêmio
Talvez outro ganhe porque sabe escrever tão bem
E meu romance de quinhentas páginas virou cinza
Queimei-o como queimam a nossa história
De quinhentos anos
Escrevo como vivo quinhentos anos de história
Quinhentas páginas no fogo estalam em faíscas

Quinhentos anos
Quinhentas páginas

O outro sabe escrever tão bem
Talvez ganhe o prêmio
Estala faíscas de história
Quinhentos anos em quinhentas páginas
Eu talvez precise de
Quinhentas páginas em quinhentos anos

-

Entre coisas religiosas
foi ignorado
porque um atropelaram

Apesar de fazer flexão de gênero
e clamar por cidadãos e cidadãs:
uns vêm de cima
outros, infelizmente, debaixo

Quatro que se consideram lúcidos
pararam juntos à esquina sem máscaras
exceto com aquelas da classe média
e assistiam perplexos às verdades

Mentiram entre si
e se contaminaram na despedida

O corpo atropelado aguardava o Siate
na faixa de pedestre num sol de meio-dia
As verdades morreram nos meus ouvidos

Palavrões

Um passarinho atacou um passarão
 Territorialista passaria por bem-te-vi
 Pequeninho com mania de grandeza
 Passaria por Portugal
 Grandão cujo bico é de falcão,
 falcão não é daqui. Arpia grita
 no desespero da tortura num filme em que vi
 Seria o Brasil?

Escrevi palavras grandes numa poesia
 Com rimas do século de sobras de acento
 Inspirei cinzas vulcânicas liricamente e adoeci
 Mas poderia ter dito:
 Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico
 Ou então, a maior-menor, existe esse acorde?
 Só.
 Sol
 Clave de sol, clave de lá
 Clave daqui
 Chave do meu coração
 Brincadeiras polifônicas
 Já conseguiu pronunciar
 Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico?
 Lopadotemachoselachogaleokraniroleipsanodrimhypotrimma-
 tosilphioparaomelitokatake
 Pensou que seria fácil tirar férias na Grécia?
 A classe média também passa por seus apuros em Santorini
 Parece tão difícil quanto dizer:

oberçodacivilizaçãoocidentalabandonouemaltomarhomens-
mulheresecriançasaDeusdará

Enquanto isso faço poemas de amor para meu amigo
Que lerá tudo o que escrevi com essas palavras enormes
Cuja semântica é e pode não ser tão diversa quando usamos
política.

Sorte têm os americanos, os verdadeiros americanos, que
usam

politics, political, policy, statecraft, politician

E assim ninguém se confunde com verdadeiros significados
Exceto quando pensam em “verdadeiro”

e em “americanos”

Tem coca-cola no meu vatapá

É apropriação cultural

Não é cultura o nome disso?

Civilização?

Mares e crianças, ondas e afogamentos

Tem coca-cola no meu barreado

E a coca-cola?

Seria Cini

Tem Cini-Gengibirra no meu barreado

Agora sim, um nome de um filme

Senhoras e senhores

Ou

Ladies and Gentlemen

(para dar universalidade ao discurso, e assim resolvo a principal
questão da pós-modernidade e nos renderemos tranquilos)

Um poema de amor:

*Eu que não consigo parar
de me declarar para você
me afundei te vendo cair
Dei de rebote a tristeza
quando o salve não estava
de manhã, com o texto
a poesia, a nossa troca,
o que é tão nosso e tão de
todos
quero que você levante e
sequencie as palavras
em cartas para mim, em
poesias para mim, em
poesias para nós, os seus
eternos textos dia-a-dia
para seus eternos fãs.*

Quantas palavras,
Passarinhos e passarões
Portugal e Brasil,
Política de colonização!
E eis o significado > é só um
aprendam e leiam sobre a civilização ocidental.

V. A CONCRETUDE DO SER
ESTÁ NA ARTE

Pagadora de promessas

Pregaram-na numa cruz
Os pregos vieram pontiagudos nos peitos para matar
Ela sangra
Ajeitei-a como pude
preguei-a como Jesus

Os pés apoiados
Com coroas de espinhos
Porque cabeça vazia oficina do diabo
E no domingo
meus amigos
me pedem
poemas engraçados
que falem de veias finas

Ela está numa cruz
é fácil encontrar a graça
Carrego-a
como o pagador de promessas

Nem tudo que reluz é ouro
Seu sangue brilha

Olhos mágicos nas mãos

No caminho às vezes ela escorrega e me escapa
bate no chão
mas o prego atravessado
impede o martelar da cabeça

Ela sangra, mas não rala.

Daquilo que poderia ter sido

Criou aquilo que gostaria de ter vivido
A ilusão que bate nos desvalidos
Não é bem verdade tudo o dito
Dos desejos escritos
É uma história daquilo que foi e não
que poderia ter sido

Como percebeu-se
Mudanças e assuntos
não concluídos

Cozinhas que conversam
Cenários de épocas
Louças não envelhecidas
Troca-as para renovar o ar
São como as ideias

De grupos
De livros
De teorias
De amigos

Inventou para consigo soluções
estarecedoras à satisfação das
vidas que gostaria de ter vivido

O lixo está cheio de ideias velhas
Pelas metades
A flauta

O frasismo
O poeta
O teórico

As revistas e os livros
O samba
Composições
O estrangeiro do mundo
O estrangeiro de Camus

Todas estão num lixo que tenta transformar em livro
Um livro das coisas que gostaria de ter vivido
Do Gabriel García Márquez que gostaria de ter escrito

A lata está cheia
A lua também
Dentro de si
Tem uma narrativa imensa
Onde está?
Precisa cavar
Lâmina 10
Abrir o peito e arrumar o coração
Cateterismo
Se estiver mal
ponte de safena

O problema é mais profundo
Como as ideias
Daquilo que poderia ter sido

As ambivalências dialéticas
Entre o ser e o nada

Por sê-lo permite desenhar qualquer pintura
Está justificada a criação do que gostaria de ter sido
A partir do ontem contou o futuro da sua vida

Maravilhosa e divina
Subversiva
Numa ebulição de álcool sem ressaca
O silêncio da escrita
Nos botecos
Na rua
Um amor eterno Os filhos
O jardim
A sarjeta

Brigas literárias rendidas a socos e pontapés
Entrevistas
Querem saber o que tem a contar e tem muito
Coisas daquilo que poderia ter sido

A lata engorda
Tentou outro dia afundar o lixo
mas de tão cheio não afundava
O saco rasga e pinga por debaixo
Deixará uma marca até chegar à lixeira

O rastro mostra que por ali passou um lixo
Não se sabe o quê
nem de quem
É um dos problemas enfrentados
Pelos condôminos
Pelos fracassos
Pelos poetas

Embora saibamos:
Ali jaz uma ideia
Jazeu
já era

Meus olhos

Até onde vai a visão
É possível tocar cenários
Relativizar o mundo
por ele ser absoluto

Toda relativização é absoluta
São totalidades que compõem a vivência

O pássaro passa
Quantos metros
E desaparece no meio do céu azul

O mundo toca na pele
Quem dera escolher meus olhos

Atobás no boteco

Quando o exército de atobás levantar no Atacama
eu serei o míssil
a mergulhar entre
anchovas
vermutes
e cachaça
no conchavo

E quando cantar
o rabo de galo
certo estarei do meu tempo
e da necessidade de voltar
ainda que chumbado
àquela época
em que milhões partiram
para a conclusão da eternidade

Do naufrago

Tudo em volta era um

H o r i z o n t e

sem fim

nem começo

Julguei-me perdido

Ba

lan ça

va

de

um lado

a outro

sem ter pra onde voltar

O mundo era muito azul e salgado

Noutro momento

considerava bom

porque

distante

Agora era presente

e difícil

e não sabia

quantas braçadas

Para qual lado navegar

O Japão era a terra do sol nascente

Na minha cidade
era sempre

à direita
que via o Japão

Em qual

ponto equidistante

eu estava

Sempre há
uma praia
a se morrer
Sempre são
os ombros
que queimam

Deitei na água
Frita minha barriga
Deus, nosso senhor
Escama-me
e me engana
nas corren
te
zas
das
tar
ta
ru
gas

Não há ondas
em mar aberto
Não há terras
por perto

Escutei um sabiá
Gorjeia
em meu ouvido
Me leva daqui
Me deixa
Afundar

76

Minha irmã me disse que teve um fluxo de consciência
Chamou de texto e pediu para eu ler
Ela tinha medo daquilo que era possibilidade
E me perguntou se poderia ser artista
Ela não vê a realização que sou nela
São oito anos

Ninguém sai daqui com você
Uma faca no peito e um pão no armário
Eram nossos segredos
E agora que fiz disso poesia
Vai me chantagear com o quê?

Agora que fazemos poesia já não precisa
Temos fluxos de consciência
Não damos função à arte e nos entendemos
Na materialidade da história
Da nossa história

Somos a superação de nossos pais
Eu e você somos a marcha da história

Campo Alegre

O homem velho deitado lê a poesia na cabeça
Pensa em Deus e pede misericórdia
A menina com calça larga sorri e aperta a mão do velho
E a outra mulher fala de um sonho
E lembra de Jeremias
O homem velho está com medo
Todos estão

O bairro pobre
As indústrias ricas
Bandidos assaltam a menina
As indústrias passam intactas
Os celulares são vendidos no centro
E a menina compra um novo no centro
Roubado de outro

Alguém exige em dinheiro
As notas frias são distribuídas nas indústrias
O homem velho fala do imposto de renda
Da obrigação de pagar direito
Garantir o lugar no céu
Eterno paraíso

-

nós saímos do mesmo lugar
eu andava reto
seguia e seguia
não olhava para trás nem para dizer saudade
andava reto
o futuro destinado
acreditava e não olhava para trás
dizia a mim mesmo
não
caio
nem em armadilhas mínimas
nem em desejos descritos em outras galáxias
nós saímos do mesmo lugar
antes da manhã alta
antes das partículas de ar aquecerem
e pinicarem a pele
teríamos que
eu e você
chegar juntos
por isso escrevi trabalhos duas vezes
e respondi sinonimamente questões iguais
num vai e vem de papéis
dizia a mim mesmo
não
caio
e hoje
tarde baixa
poucas horas para fazer qualquer coisa diferente
você chegou antes

como o sol chega antes milhões de tempos em mercúrio
e eu
ainda respondo as mesmas perguntas
com outras palavras



Miolo impresso em papel avana 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

Esta coletânea de poemas é uma exploração intensa e pessoal da condição humana, abordando temas como epilepsia, identidade, amor, política, sociedade e a busca por significado. O autor, através de uma linguagem ricamente metafórica e experimental, desvenda suas próprias experiências com a epilepsia, revelando a complexidade de viver com uma condição neurológica. Além disso, a obra critica a sociedade, a política e a arte, questionando a autenticidade e a representação. O amor e as relações também são temas centrais, explorados com profundidade e sensibilidade. A poesia se apresenta como uma forma de resistência, reflexão e busca por conexão, criando um diálogo íntimo com o leitor sobre a condição humana em todas as suas facetas.

O AUTOR

Doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR, com foco em sociologia da cultura e circulação do pensamento social brasileiro; mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPR, com foco em comunicação política; e graduado em História pela PUC-PR. Integrante do grupo de pesquisa Cultura, Política e Movimentos Sociais na América Latina (CPMSAL).

[POESIA]

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-103-0



9 786554 221030 >



MINISTÉRIO DA
CULTURA

